

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Isabela Montovani de Castro Pereira

**FAKE NEWS: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DA REAÇÃO DA IMPRENSA TRADICIONAL ÀS
TRANSFORMAÇÕES COMUNICACIONAIS**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Dmitri Cerboncini Fernandes

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Isabela Montovani de Castro Pereira, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202172031A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **FAKE NEWS: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DA REAÇÃO DA IMPRENSA TRADICIONAL ÀS TRANSFORMAÇÕES COMUNICACIONAIS**, desenvolvido durante o período de 17/08/2023 a 20/12/2023 sob a orientação de Dmítri Cerboncini Fernandes, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Isabela Montovani de Castro Pereira

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

FAKE NEWS: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DA REAÇÃO DA IMPRENSA TRADICIONAL ÀS TRANSFORMAÇÕES COMUNICACIONAIS

Isabela Montovani de Castro Pereira¹

RESUMO

No presente artigo se faz uma reconstrução sociológica da ideia de *fake news* e de como ela foi construída pelo jornal O Estado de São Paulo (Estadão), indicando as atribuições de sentido que o mesmo deu para a expressão e o que elas revelam de sua reação para as transformações comunicacionais advindas das novas tecnologias. Para isso, fundamento a pesquisa com a teoria Bourdieusiana e sua concepção do campo jornalístico. Tal reconstrução é feita a partir da análise de matérias do Estadão em que as palavras *fake news* apareceram, desde a primeira vez em 2016, até 2019. Ao total foram 344 notícias analisadas, com o objetivo de se compreender o modo pelo qual a imprensa tradicional empregou novos fenômenos para reafirmar sua legitimidade em um cenário novo e hostil aos antigos meios.

PALAVRAS-CHAVE: *Fake News*. O Estado de São Paulo. Transformações comunicacionais. Novas mídias. Disputa do campo jornalístico.

1. INTRODUÇÃO

Mesmo que notícias falsas sempre tenham existido, as denominadas *fake news* se tornaram pauta quente a partir de 2016, transformando-se em tópico recorrente nos meios de comunicação. Nesse ano vimos a disseminação de notícias falsas por redes sociais interferirem em questões como as eleições dos EUA, tendo o episódio do *pizzagate* como um dos grandes exemplos do potencial dessa *weaponization* das notícias falsas (Aggio *et al.*, 2023). Nesse caso houve a propagação de teorias conspiratórias que diziam que uma pizzaria de Washington era uma fachada para o tráfico de crianças e prostituição infantil, relacionando a candidata à presidência Hilary Clinton a isso. As proporções que tomaram levou um homem a chegar armado e dizer que só iria embora da pizzaria se visse os fundos dela, mostrando como as *fake news* podem ser usadas para gerar movimentações políticas reais.

Conforme descrito por Aggio *et al.* (2023), o impacto social e político causado pela circulação das chamadas *fake news* levou ao desenvolvimento de pesquisas de diversas áreas e por vários acadêmicos. Outra movimentação que ocorreu e revelou a relevância da temática foi ainda em 2016, com a seleção de “pós-verdade” como palavra do ano pelo dicionário Oxford. Enquanto isso, no mesmo período, o dicionário australiano Macquarie escolheu o termo “*fake news*”. Ambas expressões estão intrinsecamente ligadas, afinal, as *fake news* surgem em uma conjuntura de grande relativização da verdade, e muitas vezes fazendo com que os fatos objetivos nem tenham importância, sendo então uma das possíveis causas do caos desinformativo (Aggio *et al.*, 2023).

Apesar de tão pautada, a conceituação do termo *fake news* ainda está muito nebulosa, pois não há um consenso de definição na literatura científica. Na verdade, pelo contrário: o que vemos é a ausência de definição da expressão, que inclusive já foi pontuada como um termo que “não tem qualquer sentido público estável, nem oferece ganhos significativos” (Habgood-Coote, 2018, p. 3, apud Aggio *et al.*, 2023). Parte dos pesquisadores buscam sanar o problema da indefinição visando encontrar uma única conceituação, enquanto há uma outra parte seguindo o caminho oposto, buscando assumir a polissemia e categorizar todas (Aggio *et al.*, 2023). Assim, vemos como a classificação do que são as *fake news* ainda se trata de algo indefinido no meio científico.

Para auxiliar o debate e a pesquisa científica a respeito das *fake news* se faz pertinente rastrear e analisar a construção da ideia do fenômeno feita na mídia tradicional. Na intenção de agregar nessa lacuna, veremos a origem de como esse meio abordou a expressão, quais as consequências percebidas dessa abordagem e quais ameaças e forças são reveladas por trás da atribuição de sentido que deram ao termo. Por se tratar de um momento transicional e um problema que surge como consequência desse novo formato comunicacional, compreender a reação da grande mídia pode ampliar a visão de como ela, até então hegemônica, vem se movimentando para manter sua força e dominação. Já há hipóteses que afirmam que ela tem usado da narrativa de pânico moral gerado pelo debate das *fake news* para buscar a manutenção da sua

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Dmitri Cerboncini Fernandes

hegemonia, assegurando seu monopólio sobre a produção de notícias (Carlson, 2018, p. 3, apud Aggio *et al.*, 2023).

Conforme o *Oxford English Dictionary*, as pessoas começaram a falar em mídia a partir da década de 1920 e apenas uma geração depois começou a se falar sobre uma revolução da comunicação, tendo surgido uma maior preocupação com as massas a partir do século XIX com os jornais (Burke e Briggs, 2004). Assim a sociedade passou a cada vez mais ter uma informação disseminada, inicialmente pelos jornais impressos, então a rádio, logo em seguida a TV e atualmente temos também a internet e as redes sociais.

Segundo Bourdieu (1997), quando surge um novo veículo, há uma desestabilização nos comportamentos dos canais anteriores, afinal, é um processo de transformação na lógica social. Tal situação leva a uma tensão entre as forças do campo jornalístico e muitas vezes há ameaças de perda de poder e espaço de determinada mídia, fazendo com que ela precise se reafirmar ou por meio de uma diferenciação do novo veículo, ou pela adesão às suas dinâmicas. O autor descreveu esse dilema que, no caso por ele analisado, se apresentou pela disputa entre o impresso e a TV quando esta última surgiu:

Daí se segue que hoje os jornalistas da imprensa escrita estão diante de uma escolha: deve-se caminhar no sentido do modelo dominante, isto é, fazer jornais que sejam quase jornais de televisão, ou é preciso acentuar a diferença, empregar uma estratégia de diferenciação de produto? É preciso entrar na concorrência, com o risco de perder pelos dois lados, de perder o público associado à definição estrita da mensagem cultural, ou acentuar a diferença? (Bourdieu, 1997, pp. 74-75)

É possível traçar um paralelo desse conflito midiático que já ocorreu anteriormente e foi analisado por Bourdieu (1997), com a transição que também estamos passando. No entanto, no caso atual, vemos uma peculiaridade que é a alteração do modo pelo qual a comunicação é feita no meio digital, sendo bastante distinta do meio aqui denominado como tradicional - impresso, rádio, TV. Enquanto os veículos anteriores contavam com a lógica de um único emissor central e hegemônico transmitindo a mensagem para os receptores, nos meios digitais vemos que há espaço para vários emissores transmitirem a mensagem para os receptores. Além disso, um receptor pode ele mesmo se transformar em um emissor e ter um significativo alcance, disseminando a informação para além do seu ciclo próximo e atingindo diversas pessoas.

Dessa maneira vemos que há um conjunto de mudanças de posições dos agentes sociais que levam ao modo contemporâneo de transmissão de mensagem e informação. Essas alterações vão desde a conjuntura da pós-verdade, até a descentralização da comunicação. Para encarar o tema é necessário considerar esses aspectos citados, além de levar em conta as dinâmicas internas do campo jornalístico e seu funcionamento para melhor o compreender. A presente pesquisa está fundamentada na lógica apresentada por Bourdieu (1997), onde ele investiga as estruturas invisíveis que comandam a disputa de forças da mídia. Segundo ele:

Em outras palavras, há entre essas emissoras não apenas interações, pessoas que se falam ou não, pessoas que se influenciam, que se lêem, tudo o que relatei até aqui, mas também relações de forças completamente invisíveis que fazem com que, para compreender o que se vai passar na TF1 ou na Arte, seja preciso levar em conta o conjunto das relações de força objetivas que constituem a estrutura do campo. (Bourdieu, 1997, p. 56)

Então para melhor discernir o que um canal produz, é necessário entender seu valor simbólico e como este influencia o que por ele é transmitido, assim como sua posição no campo e como ele é colocado no social. Essas lógicas fazem parte das estruturas invisíveis explanadas por Bourdieu (1997) e são as mesmas que busco dissecar do jornal Estado de São Paulo a partir da análise do material reunido e aqui colocados. Assim indicarei quais as forças internas e externas que extrapolam a ideia de *fake news* construída pelo Estadão e qual a atribuição simbólica que o veículo busca reafirmar por meio da construção dessa ideia. Para realizar isso levo em conta que há uma disputa de forças entre a mídia tradicional e os novos meios digitais, questão que será mais elaborada durante o desenvolvimento do trabalho. Dessa maneira, descubro se o objeto aqui analisado caminhou rumo a ressaltar as diferenças entre ele e os novos veículos, como uma reafirmação de si durante o processo e, caso sim, de que forma fez.

Visando, então, dar conta dessa demanda de um olhar científico atento à imprensa, farei uma reconstrução sociológica de como o termo *fake news* surgiu em meio às matérias do Estado de São Paulo, um jornal de representatividade nacional, desde 2016 - primeira aparição da expressão no mesmo - até 2019. Busco compreender, assim, quais são os sentidos que se revelam por detrás da construção feita pelo impresso, quais forças e valores são legitimados no campo e quais são deslegitimados. Em resumo, o objetivo da pesquisa é verificar como a ideia de *fake news* foi constituída no Estadão ao longo desses anos. Para descobrir de fato qual o caminho traçado durante seu processo de construir sentido à expressão *fake news*, foram analisadas ao total 344 matérias, sendo 2 em 2016, 45 em 2017, 219 em 2018 e 78 em 2019.

Para desenvolver a pesquisa de modo coerente, o artigo está dividido em mais três seções além da introdução e das considerações finais. Em um primeiro momento, temos o desenvolvimento fundamentando a ideia de campo jornalístico estipulada por Bourdieu (1997) e articulando seus conceitos com o objeto analisado do momento comunicacional contemporâneo, seguido de um panorama do volume de notícias com o termo inserido e de como as matérias se comportaram ao longo dos anos vistos. Após a fundamentação, vamos para um detalhamento que demonstra como certas publicações com a expressão *fake news* indicam a maneira que o Estadão se posicionou na disputa de campo com as novas mídias. Ao final, aprofundo a pesquisa com o foco em exemplos que ilustram como o jornal usou da construção da ideia de *fake news* para reafirmar sua legitimidade em um cenário novo e hostil aos antigos meios. Dando conta, assim, da proposta inicial de analisar sociologicamente como a construção da ideia de *fake news* pelo Estadão manifesta uma das reações da mídia tradicional às transformações comunicacionais.

2. DESENVOLVIMENTO

Bourdieu (1997) analisou a televisão com o objetivo de evidenciar seus mecanismos e como a mesma apresenta perigos em cima de produções culturais, artísticas, científicas, entre outras. Tal estudo foi realizado em um contexto onde a estrutura do jornalismo passava por uma mudança crítica: o surgimento da televisão criou uma disputa de espaço e poder com o jornalismo impresso, então dominante. Essa situação fez com que o jornal impresso precisasse tomar uma posição para não perder a sua dominância enquanto instrumento de manutenção simbólica, sendo essa movimentação de reafirmação de posição também uma das dinâmicas observadas pelo autor ao longo do texto.

Para apresentar tais ideias, ele usa o conceito de campo enquanto “relações objetivas entre posições de agentes ou instituições” (Miguel, 1998, p. 2) de forma a exemplificar o modo em que ocorrem as disputas presentes nessas relações. Como o objeto de seu texto trata do jornalismo, há uma descrição focada para as peculiaridades da disputa:

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças - há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço - *que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças*. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias. A concorrência econômica entre emissoras ou os jornais pelos leitores e pelos ouvintes ou, como se diz, pelas fatias de mercado realiza-se concretamente sob a forma de uma concorrência entre os jornalistas, concorrência que tem seus desafios próprios, específicos, o *furo*, a informação exclusiva, a reputação na profissão etc., e que não se vive nem se pensa como uma luta puramente econômica por ganhos financeiros, enquanto permanece sujeita às restrições ligadas à posição do órgão de imprensa considerado nas relações de força econômicas e simbólicas. (Bourdieu, 1997, pp. 57-58)

A partir de tal perspectiva, é visto como frente ao momento de crise, o jornal impresso precisou tomar uma decisão referente ao seu posicionamento no campo, visando não perder sua força. Devido a nova concorrência que surgiu - a televisão - o impresso precisou lutar pela sua dominância no campo e enfrentou o dilema de como se posicionar nesse novo cenário. Conforme já citado, em Bourdieu, tal dilema é ilustrado pela decisão entre seguir no sentido do novo modelo dominante ou acentuar as diferenças entre os produtos.

É possível traçar um paralelo entre o momento visto por Bourdieu (1997) e o momento em que as *fake news* surgiram como pauta recorrente na mídia brasileira - em se tratando do Estadão, a partir de 2016. Com as mudanças tecnológicas houve o aparecimento das mídias digitais, que carregaram consigo um novo modelo comunicacional, assim como o que aconteceu com o surgimento da televisão. Tornou-se, então, uma nova força presente no campo jornalístico, da qual se insere na lógica das lutas presentes.

Frente à similar situação observada por Bourdieu (1997), ocorre agora uma nova crise jornalística, manifestada até pela desprofissionalização do cargo de jornalista. Como consequência desse cenário, o retorno da maior profissionalização e qualidade do jornalismo se torna uma das apostas para melhorar a qualidade da informação:

Estou alarmada com a rápida normalização da expressão [*fake news*] no Brasil e na mídia estrangeira. Num tempo em que editores eram mais numerosos, a expressão talvez fosse vetada em manuais de redação. Mas vivemos em outro ecossistema e boa parte do que é consumido como jornalismo é produzido por não jornalistas sem compromisso com as normas de antanho. (Guimarães, 2017)

Desse modo já começa a se perceber a luta presente entre um “antigo jornalismo” - mais tradicional, com editores numerosos e suposto maior compromisso - e um “novo jornalismo” - produzido por não-jornalistas presumidamente descompromissados e em um outro ecossistema. Então, a luta pela força simbólica - conforme descrita por Bourdieu em 1997 - também está presente nessa nova fase comunicacional.

No que diz respeito ao surgimento da expressão *fake news* no Estadão, ela iniciou de forma modesta, em 2016, com apenas duas notícias da mesma jornalista, Lúcia Guimarães. Ambas mais focadas na conjuntura internacional e nas consequências que levaram para os EUA e Brexit, apenas pincelando sobre o potencial desse novo fenômeno para o Brasil. A primeira delimitação se deu da seguinte maneira:

Meses antes da eleição presidencial dos EUA, especialmente depois que o Facebook alterou seu algoritmo no meio do ano, o conteúdo de *fake news*, falso noticiário, superou em engajamento o conteúdo jornalístico originado por websites legítimos como o New York Times e o Wall Street Journal. (Guimarães, 2016)

Desde o início, então, a expressão foi usada de forma a delimitar um limite diferenciador entre notícias feitas por jornais ou veículos “legítimos” - como o NYT, o *Wall Street Journal* ou o próprio Estadão - e os denominados falsos noticiários que superaram em engajamento na rede social do Facebook - representando a nova mídia. Assim, determina-se os dois pólos como distintos e opostos, um de maior confiabilidade que o outro. Não é percebida grande autocritica em relação ao jornalismo feito pelo Estadão ou por essas instituições ditas legítimas, se colocando apenas em posição de ataque ao novo fenômeno que o ameaça - e, conforme o discurso do jornal, consequentemente também ameaça às democracias e a liberdade, enquanto afeta até mesmo as eleições presidenciais.

Em 2017 já houve maior volume de notícias com a nova expressão presente em quase todos os meses do ano. Houve um aumento pontual de sua incidência em março e julho e depois vemos uma progressão constante desde setembro até dezembro, ao se tornar pauta frequente e um termo consideravelmente disseminado. No primeiro semestre a expressão é muito utilizada em notícias de conjuntura internacional. A partir do segundo semestre, começa a surgir de forma mais consistente como uma situação pertencente ao contexto nacional ao olhar para casos e exemplos do território interno.

O conceito passa a ser inserido de modo mais automático nas notícias. Torna-se um predicado, um adjetivo, um elemento da narrativa. Em novembro e dezembro surge um maior volume de matérias referentes à força-tarefa do congresso criada para propor medidas de punição, cuja qual visava conter a propagação de *fake news* no ano eleitoral que estava por vir (Moura, 2017). Essa questão levantou um intenso debate sobre em que medida isso daria brecha para a censura.

Em 2018 a expressão *fake news* continuou extremamente disseminada no impresso, aparecendo em grande volume de matérias. Se apresentou em segmentos diferentes, não referente apenas à política ou tecnologia, mas também abrangeu relações de *fake news* e ciência - inclusive já colocando o termo “negacionista” em pauta (Goldemberg, 2018). Apareceu também no segmento do futebol, com ponderações sobre como podem afetar tal nicho (Prata, 2018). Se fez bastante presente mais de uma vez na sessão do

“fórum dos leitores”, o que ilustrou como se tornou parte do vocabulário não só dos redatores, mas também da audiência do jornal. Em setores artísticos - literatura, teatro, cinema - ela também aparece de maneira frequente como uma questão que é elaborada para as figuras produtoras desses setores - seja em alguma peça artística ou seja opinando em relação ao fenômeno. Também apareceu em pautas relacionadas à educação e é vista em diversas entrevistas com intelectuais e discursos de figuras políticas. Tornou-se, assim, de fato, um jargão no cenário midiático e um novo vocábulo na redação do jornal.

Alguns acontecimentos são percebidos pela primeira vez em 2018, como a primeira vez que se registra Bolsonaro denominando a imprensa como *fake news*, seguindo a estratégia de Trump (Bucci, 2018). Na tabela abaixo é visto a divisão por meses e a frequência de matérias em que a expressão apareceu em cada mês:

Tabela 1 - Recorrência mensal do uso da expressão *fake news* no Estadão em 2018

Mês	Frequência de matérias
Janeiro	17
Fevereiro	7
Março	30
Abril	8
Mai	20
Junho	27
Julho	14
Agosto	8
Setembro	16
Outubro	51
Novembro	9
Dezembro	12

(Fonte: Elaboração da autora).

Mesmo abordando bastante a temática e buscando opiniões de intelectuais, figuras políticas e comunicadores sobre qual seria o rumo do cenário, e apesar de ter uma movimentação real em tentar remediar a situação - com a nítida posição do Estadão de se colocar como frente de legitimidade no combate contra a desinformação - aos poucos se torna visível o descontrole dos caminhos da *fake news*. Só em outubro foram 51 matérias em que a expressão apareceu, sendo praticamente diária alguma notícia em que ela fizesse parte do léxico do jornal. Essa quantidade foi maior do que o total de aparições nos anos de 2016 e 2017 juntos - que seriam, ao todo, 47 vezes. Também foi maior do que a metade do que viria a aparecer em 2019 - sendo o total de 78 notícias. Portanto, vemos como se tornou uma pauta ainda mais quente e muito por causa de todas as complicações advindas da realidade do mês eleitoral, que contou com uma alta proporção de problemas relacionados com a situação. Após as eleições, o volume de notícias referente à temática cai, continua bem atrelado à política, mas com pouco tom de ameaça, como aconteceu no início do ano, e mais como uma realidade da qual se visou especular os melhores caminhos para lidar com ela.

Em 2019 houve uma queda no volume de matérias contendo o termo. Seu aparecimento se dá em maior parte em textos de reflexão que falam sobre como afetaram a política e sobre o debate da liberdade de imprensa, essa questão em específico foi uma das principais pautas do ano atreladas à expressão. A discussão

sobre como abordar juridicamente as *fake news* continua em alta - com semelhança entre as problematizações vistas em 2018 - sobre se o Estado deve intervir ou se tal prática seria censura e ultrapassaria a liberdade de expressão. Além disso, a educação é mais frequentemente colocada em matérias do jornal como uma das outras soluções viáveis para o problema.

Outro quesito bastante pautado em textos publicados pelo impresso ao longo do ano é o nítido embate entre Bolsonaro e imprensa, aparecendo de modo mais concreto principalmente com o caso de ataque à jornalista Constança Rezende, do Estadão (Beraldo *et al.*, 2019). Fala-se também em posição de embate sobre Trump e a Casa Branca, devido ao episódio de 2018 onde o governo dos Estados Unidos recolheu a credencial de um repórter da CNN (Bulla, 2018). A situação e os constantes ataques do presidente à imprensa levaram à reprodução de uma matéria de duas páginas do NYT sobre a crise, as *fake news* e a ameaça produzida ao jornalismo porque os Estados Unidos deixaram de ser referência enquanto país que apoia a liberdade de expressão (Sulzberger, 2019). Tal matéria evidencia a disputa para além da política, mas também referente à estrutura do campo jornalístico, distinguindo o que é o jornalismo do que seriam as *fake news* e diretamente falando sobre a crise jornalística e as mudanças presentes entre dominantes e dominados:

O modelo de negócio baseado em publicidade que apoiava o jornalismo entrou em colapso, causando a perda de mais da metade dos empregos no campo do jornalismo nos Estados Unidos. Google e Facebook se tornaram os mais poderosos distribuidores de notícias e informação na história humana, desencadeando acidentalmente um fluxo histórico de desinformação nesse processo. E o aumento constante de medidas legais - desde processos contra autores de denúncias até processos de calúnia - visa a debilitar as salvaguardas consagradas para jornalistas e suas fontes. (...) O difícil trabalho do jornalismo sempre implicou riscos, especialmente em países sem proteções democráticas. Mas a diferença hoje é que essas repressões brutais vêm sendo aceitas passivamente e talvez até mesmo incentivadas tacitamente pelo presidente dos Estados Unidos. Os líderes deste país sempre entenderam que a livre imprensa é um dos maiores produtos de exportação dos EUA. (Sulzberger, 2019, p.1)

Por trás das matérias selecionadas vemos que, em meio a tantas movimentações, são percebidos dois tipos de sentidos mais padronizados para a expressão *fake news*. Um que é usado pelo Estadão para criticar notícias disseminadas nas novas mídias, e o outro que foi usado por políticos - como Trump e Bolsonaro - para deslegitimar a mídia tradicional. Quanto ao segundo modelo, temos o jornal em constante posição de defesa aos ataques, falando sobre essa deturpação e distorção do termo da forma que então vinha sendo colocado pela imprensa. Essa defesa é comumente realizada pela problematização que o veículo elabora sobre o uso instrumentalizado da expressão feito por tais figuras políticas, que objetivavam gerar para suas audiências uma deslegitimação da imprensa tradicional ao chamá-la de *fake news*. Como consequência desse uso instrumentalizado percebeu-se um ataque à liberdade de expressão das mídias tradicionais e uma relativização de fatos objetivos da realidade, atitude que tornou a percepção da sociedade sobre a verdade cada vez mais nebulosa.

Tal problematização tem a sua razão de ser feita pelo jornal, prezando pela proteção de sua liberdade de imprensa e expressão, enquanto uma defesa contra autoritarismos políticos. Ainda assim, ela não é feita de modo autocrítico ao próprio veículo, que também empregou em determinados momentos a expressão de uma maneira instrumental na disputa contra as novas mídias. A seguir veremos de forma mais detalhada certas matérias que continham as palavras *fake news* e que evidenciam que de fato há uma disputa de espaço entre o Estadão com as novas mídias.

2.1 SOBRE A DISPUTA ENTRE ESTADÃO E NOVAS MÍDIAS

Em matéria propagada no próprio jornal, é contado um pouco mais sobre o veículo, com ele narrando sua história e atribuindo certas características a si mesmo. Nela é dito que O Estado de São Paulo é um jornal impresso de cobertura nacional que conta com mais de 100 anos de história e o posiciona como uma referência jornalística que aposta em inovação, mas sem perder credibilidade. Há em seu discurso sobre si um

tradicionalismo focado em seu tempo de história em conjunto com uma adaptabilidade para as mudanças contemporâneas:

O jornal O Estado de S. Paulo chega nesta quinta-feira, 4, aos 143 anos de existência reafirmando junto aos seus leitores e audiências seu compromisso de um jornalismo independente, sério e de qualidade e sua busca incessante por inovação. De um lado a empresa mantém no seu DNA a credibilidade e o rigor jornalístico de quase um século e meio de história. De outro, investe em formatos, ferramentas e novas narrativas. ('Estado' completa [...], 2018)

Ainda em análise da matéria acima colocada, deparamo-nos com as informações de que o jornal foi fundado em 4 de janeiro de 1875 com o nome de "A Província de São Paulo". A todo momento na notícia ele se coloca como uma fonte de informação sobre os acontecimentos marcantes do Brasil e que desde sempre teve como foco "reportagens em profundidade" ditas imparciais, mas com claras opiniões para auxílio do leitor. A partir do material investigado é perceptível o apreço do jornal por ideais como a liberdade, com constante defesa da liberdade de expressão, principalmente para a imprensa.

É também visível a ideia da imprensa enquanto vigilante do Estado, firma-se como uma ferramenta a favor da sociedade, como um veículo de denúncia. Assim, se narram como um jornalismo que faz parte de um campo disputado e em frequente ameaça de censura ou intervenções por outros campos - como o político.

Além dos militares, são raros os homens e mulheres na administração pública que compreenderam o significado do direito à informação. São ainda mais escassos os que sabem que a imprensa não existe para "divulgar informações verdadeiras", como gostam de dizer, mas para promover a crítica diária do poder. As autoridades gostam de fazer média com os jornais, mas, com exceções honrosas, o máximo que conseguem é atribuir aos órgãos de imprensa uma função mecânica, um tanto hidráulica, de escoar notícias. *Quase nenhuma autoridade assimilou a noção de que a notícia é antes um alerta de que algo não vai bem no poder - e que a notícia serve para gritar problemas, não para propor soluções.* (Eugênio Bucci, 2018)

Em 2019 houve a publicação da tradução da matéria de duas páginas do NYT em defesa do jornalismo, que estava sendo bastante atacado por Trump. Em tal manifesto, que já foi citado aqui, se vê as seguintes definições sobre a função do jornalismo, sua importância e quais valores são por ele priorizados:

Mas a livre imprensa é fundamental para uma democracia saudável e é possivelmente *o instrumento mais importante que temos como cidadãos.* Ela empodera o público, fornecendo a informação que necessita para eleger líderes e a contínua fiscalização para mantê-los íntegros. A livre imprensa testemunha nossos momentos de tragédia e triunfo e fornece a linha de base compartilhada dos fatos comuns e da informação que ligam as comunidades. Ela dá voz aos desvalidos e busca incansavelmente a verdade para expor as transgressões e promover a mudança. (...) Isso significa, diante da pressão crescente, que as organizações de notícias têm de se apegar aos valores do grande jornalismo - imparcialidade, precisão, independência (...). (Sulzberger, 2019, p. 1)

Nesse fragmento, é vista a definição de algo como o "grande jornalismo", que conta com seus preceitos -base - imparcialidade, precisão e independência, sendo entendidos como valores que o leitor deve atribuir ao jornalismo feito pelo NYT, o Estadão e os veículos tradicionais, tidos como instrumentos mais importantes para os cidadãos.

A partir da seleção de matérias feitas até então, temos notadamente uma posição firmada pelo jornal ao reafirmar o Estadão enquanto canal de credibilidade e adaptável mesmo em meio a tantas mudanças. Com as colocações que ele faz de si, temos a percepção de que se trata de um dos veículos que conta com os

pilares idealizados para o grande jornalismo - como as pretensas imparcialidade, precisão e independência. Nota-se, também, que a perspectiva da notícia como ferramenta que grita problemas da sociedade é mais um aspecto que contorna de um jeito idealizado o jornalismo profissional e tradicional - associado, pelos exemplos selecionados, ao Estadão - e o diferencia do novo modelo que surge com as novas mídias. Assim se delimita, de forma indireta, os valores e características do tradicionalismo e rigor jornalístico cujas quais a antiga mídia busca ressaltar possuir para se firmar no campo em transformação. Dessa maneira infla sua imagem de fonte de informação legítima para o leitor ao mesmo tempo que critica as novas mídias e esvazia a credibilidade de seus novos modos de jornalismo.

A partir de tais características estipuladas pelo próprio jornal sobre si mesmo, vemos que há uma defesa de seus valores e uma busca de demonstrar suas qualidades, sempre batendo em sua suposta importância para a sociedade e a presença de profissionalismo fundamental para a produção de notícias de qualidade. Essa é, então, uma das reações visíveis no discurso do próprio veículo sobre si frente às novas mídias digitais, o reforço de um diferencial competitivo - a credibilidade e profissionalismo - que, segundo o Estadão, os novos meios comunicacionais não possuem, pois trata-se de um diferencial que é muito associado à tradição. Tal colocação é feita diretamente quando Di Franco (2019) diz em uma matéria que a credibilidade é o verdadeiro capital de um veículo.

Quanto ao embate contra as *fake news* é visível a posição de protagonismo buscada pelo jornal, dado que tomou ações práticas contrárias ao problema, como a criação do Estadão Verifica, seu serviço de checagem dos fatos que existe até hoje. Além dele, houve a participação do veículo em projetos como o Comprova - reunião de 24 canais de comunicação iniciada em 2018 também focado no *fact checking*. Eventos como o Fórum Estadão-Faap, que aconteceu em junho de 2018, contou com a pauta das *fake news* e campanha eleitoral, tendo a presença e divulgação do Estadão. Sendo assim, vemos que o veículo realmente se engajou com a pauta e, por meio de tais ações, buscou se colocar como uma instituição referência no que diz respeito à noção de fatos. Esse embate também se fundamentou de maneira simbólica que ultrapassou essas ações práticas e se fez presente nos discursos de determinadas matérias. Veremos agora de forma mais aprofundada esse uso da ideia de *fake news* construída pelo Estadão como um modo de seguir se legitimando nessa nova dinâmica comunicacional.

2.2 EXEMPLOS USO INSTRUMENTAL DA IDEIA DE FAKE NEWS PELO ESTADÃO

A partir da reconstrução pela qual já passamos aqui ficou tangibilizada a maneira automática que o jornal começa a incluir a expressão "*fake news*" em diversos textos, supondo-se como um conceito pré concebido e compreendido pelos leitores - e até mesmo pelos próprios jornalistas. Dessa maneira, há certas características padrões que são percebidas e que estabelecem uma ideia comum em relação ao termo, mesmo quando consideramos que há divergências e estando conscientes de que não se trata de um bloco único de definições. Ainda assim é possível traçar certo consenso de sentido da expressão *fake news* para o jornal, sentido esse que não abraça a todos os posicionamentos, mas pode ser tido como o significado que se encontra majoritariamente por trás das palavras. Sendo capaz de levantar uma lista com alguns sinônimos para o termo quando ele aparece em boa parte de suas matérias, como: notícias falsas, mentiras, calúnias, injúrias, lorota, embustes, boatos, antijornalismo, falsificação, distorção, manipulação, desinformação, entre outras.

Fake News é, portanto, colocado como uma oposição ao jornalismo e a finalidade de sua idealizada função, que é constantemente reforçada pelo jornal, que trata, por sua vez, as *fake news* como um fenômeno distinto de tudo o que produz. Por mais que se afirme em diversos momentos que as notícias falsas não são algo novo, há essa distinção firmemente posicionada entre as *fake news* e os ditos embustes ou boatos, frequentes na história do jornalismo. Alguns dos pontos são em relação à fonte, partindo do pressuposto que os jornais são de credibilidade e que se retratam quando publicam algo equivocado, diferente das *fake news*. Outro aspecto é o modo de produção das notícias: no jornalismo a notícia seria supostamente apurada, feita para não ser tendenciosa ao mostrar os dois lados de um fato, buscando se aproximar da verdade, algo que não aparece nas *fake news*.

Não entenderam que o que distingue as *fake news* não é sua forma ou seu conteúdo, mas o fato de que elas se originam de núcleos clandestinos. As *fake news* provêm de falsas redações, de *fake newsrooms*. O que define as *fake news* não é uma incorreção aleatória, mas sua origem falsificada e seu propósito fraudulento. O erro num relato de uma redação profissional será corrigido, pois será

publicamente debatido e contestado. O erro das fake news não tem como ser corrigido. Enfim, as fake news não se combatem com leis, decretos ou filtros estatais, mas com redações profissionais e com checagem de fatos sistemática. Não se combatem com autoridades, mas com jornalistas independentes. (Bucci, 2018)

Dessa forma vemos nitidamente um dos usos da expressão *fake news* como instrumento de reafirmação do jornalismo tradicional enquanto atividade que realmente produz informações de qualidade e legítimas. Ao colocar em oposição a ideia entre o que as *fake news* são ao que o jornalismo supostamente é - ou deveria ser - está se delimitando de maneira implícita características que são tidas como fortes do mesmo. Apresentam, assim, argumentos para o leitor ter maior confiabilidade no que é feito por ele e relativizando os erros que o mesmo também produz, os colocando como uma incorreção aleatória ao invés de algo com origem falsificada e propósito fraudulento. Essa amenização dos erros das redações profissionais também foi feita pelo NYT na matéria que foi divulgada pelo Estadão. Nesse caso, falam sobre a imperfeição da mídia, mas frisam sua função idealizada de fundamentadora de uma sociedade saudável para os cidadãos.

Permitam-me dizer o óbvio? A mídia não é perfeita. Cometemos erros. Temos pontos cegos. E às vezes irritamos as pessoas. Mas a livre imprensa é fundamental para uma democracia saudável e é possivelmente o instrumento mais importante que temos como cidadãos. Ela empodera o público fornecendo a informação que necessita para eleger líderes e a contínua fiscalização para mantê-los íntegros. A livre imprensa testemunha nossos momentos de tragédia e triunfo e fornece a linha de base compartilhada dos fatos comuns e da informação que ligam as comunidades. Ela dá voz aos desvalidos e busca, incansavelmente, a verdade para expor as transgressões e promover a mudança. (Sulzberger, 2019, p. 1)

No trecho acima vemos esse manifesto do NYT que caracteriza a mídia jornalística defendida na matéria como a instituição mais importante para os cidadãos e passa completamente por cima dos erros que a princípio assume cometer. A falta de uma elaboração de forma aprofundada sobre suas próprias imperfeições é o modo discursivo pelo qual diminuem as consequências de seus próprios equívocos. Com essa lógica temos a fuga de uma autocrítica em relação aos erros que cometem, diminuindo seu peso enquanto, por outro lado, focam em ressaltar suas auto proclamadas qualidades. Vemos, assim, uma apropriação de questões referentes às *fake news* para se reafirmar no campo.

As mídias digitais também são repetidamente tidas como critério para categorizar uma matéria como *fake news* ou não. Elas são estabelecidas como a causa de seu surgimento e o seu funcionamento comunicacional - o modo como há maior alcance do público e mais rapidez de produção - como uma de suas características.

“Os embustes são parte da história do jornalismo”, diz Schneider. “A diferença hoje é a rapidez da propagação e o fato de que há tecnologia e interesse econômico em maximizar a distribuição. Há duas frentes, a ideológica e o interesse financeiro em monetizar conteúdo online”, conclui. A este cenário, ele acrescenta o fato de que uma população cada vez maior se informa através da rede social sem contato com as fontes e a explosão de polarização política nos Estados Unidos, que ele chama de hiperpartidarismo. (Guimarães, 2016)

Dessa maneira, vemos novamente uma narrativa que propõe uma nítida oposição de valores entre ambos os fenômenos - embustes e *fake news*. Segundo o fragmento, os primeiros são parte da história do jornalismo, mas o problema real estaria nas *fake news*. O motivo é devido à intrínseca associação das mesmas com as tecnologias e o interesse - econômicos e ideológicos - por trás de sua formação, dando a entender que os embustes não são tão sérios assim, por supostamente não terem essas mesmas motivações das *fake news* e não terem tanto alcance. Tal perspectiva distancia as *fake news* da mídia tradicional e à associa aos novos meios comunicacionais é também corroborada na seguinte matéria:

As *fake news* são produzidas em espaços que não guardam relações de pertencimento com o ambiente democrático ou com os valores da democracia. Uma redação minimamente profissional, quando erra, apressa-se a corrigir (se não fizer isso, perderá credibilidade). Já um centro gerador de *notícias fraudulentas*, que não tem compromisso com os fatos e age com a finalidade de lesar os direitos do público, pode muito bem insistir no erro. Esse tipo de fraude constituiu uma ação proposital para sabotar os processos decisórios das sociedades democráticas e para danificar os circuitos pelos quais a vontade dos cidadãos se conforma e se projeta. (...) Também por isso, os melhores antídotos contra esses *novos vírus digitais* são aqueles que fortalecem o debate democrático, não os que levam a sociedade a buscar socorro e tutelas estatais. (...) Ou a democracia inventa mecanismos livres para desmontar as fraudes que pipocam nas redes sociais (por meio da checagem promovida pelas redações profissionais em rede com associações colaborativas) ou as notícias fraudulentas terão vencido a queda de braço. (Bucci, 2018)

Na citação acima, também tirada de uma das matérias analisadas, vemos diretamente a proposta de um jornalismo que fortalece o debate democrático como antídoto para os *vírus* digitais. Seguindo essa ideia do jornalismo como melhor ferramenta contra às *fake news*, vemos o seguinte discurso em uma passagem de outra publicação:

O diretor executivo da Associação Nacional dos Jornais (ANJ), Ricardo Pereira, disse que acompanha a tramitação desses projetos com preocupação. “Muitos são potencialmente prejudiciais à liberdade de expressão. *A melhor forma de combater a informação falsa é com mais jornalismo.*” (...) A começar pela presença constante do termo *fake news*, que começa a ser colocado em xeque por quem estuda o assunto - *se é notícia, não pode ser falsa.* (Guerra *et al.*, 2018)

Fica novamente explícito o modo diferente de como abordam as notícias produzidas por suas redações, categorizadas como profissionais, nesses casos tratando como algo que não pode ser falso. É também colocado o jornalismo como personagem principal do antagonismo com os novos modos de disseminação de notícias falsas ao afirmar que o combate com a mesma se dá por meio de mais jornalismo.

Por meio desses exemplos é perceptível que o foco do debate deixa de ser sobre o que é verdadeiro ou falso e passa a ser sobre como são produzidas as matérias, por onde são disseminadas e na justificação de porque o jornalismo por eles feito seria o melhor modo de combate a tal problema. Ainda nessa linha de raciocínio, seguimos vendo a matéria de Bucci e como ela atribui a mentira exclusivamente à política - não ao jornalismo, diferenciando, assim, seus “erros” de “mentiras” - e realiza a associação da fraude com as novas mídias:

Tratemos, por fim, do modo de produção dessas fraudes. Todos sabem (e não se cansam de repetir) que a mentira sempre existiu na política. A questão, agora, é que a mentira política - que antes se viabilizava como um esforço cuja compensação se limitava à eventual conquista do poder - se tornou, também, um negócio economicamente lucrativo. Esse negócio - atenção para isso - independe dos interesses partidários de seus agentes. A lógica da indústria do entretenimento instalada na internet, que remunera os criadores de “conteúdo” pelo número de “seguidores”, paga bem pelas fraudes que arrebatam as multidões. *A mesma lógica, por sua vez, está relacionada a um mercado monopolizado em escala global por megacorporações como Facebook, Twitter e Google.* Não por acaso, os monopólios globais, bem como esse modo de produção de

“conteúdo” mentirosos (o “modelo de negócio” das notícias fraudulentas) são incompatíveis com a ordem democrática [logo pressupõe que são incompatíveis com o jornalismo tradicional] (Bucci, 2018)

Articulando com Bourdieu (1997), podemos dizer que as novas mídias digitais entram no campo jornalístico, afetando a lógica de suas estruturas invisíveis, com disputas de forças entre os veículos tradicionais e o novo. Como resposta a tais alterações, vimos o tradicional Estadão reforçando seu jornalismo como conteúdo de credibilidade, confiável e onde você encontra o fato, além de também ter seu embate e tensão com novas mídias. Para isso ele usou tanto de uma literal construção narrativa de si, demonstrada na seção anterior, como também da ideia de *fake news* e sua oposição a mesma enquanto meio para sua reafirmação, demonstrado nesta presente seção. Por meio das cadeias de ideias desenvolvidas pelo Estadão, ele - e o grande jornalismo como um todo - se constitui como solução, remédio, arma, única forma de combate à tal ameaça democrática e antijornalística. O jornalismo tradicional, dessa forma, é colocado como um dos principais pilares da democracia, de modo que quem o critica na verdade está criticando as liberdades individuais e sociais, além de se opor ao apreço pela notícia de qualidade enquanto reforça a desinformação.

Ao estabelecer a distinção entre as fraudes e a verdade em por onde elas são veiculadas e como são produzidas - não no conteúdo em si - é feita a categorização de que apenas determinadas matérias são classificadas como *fake news*. Assim, vemos um uso instrumental da ideia apresentada pelo Estadão para o que seriam notícias falsas que fez com que o debate deixasse de ser referente ao que é disseminado como verdade enquanto trata-se de mentira e passasse a focar nas novas mídias digitais e suas potenciais problemáticas. Tal estratégia discursiva aproveita da fragilidade atrelada às incertezas do novo meio comunicacional para se legitimar nesse processo enquanto um veículo tradicional, de credibilidade, a favor da democracia e onde se encontra as informações de qualidade, as notícias verdadeiras. Logo servindo como um meio de luta para não perder sua dominação no campo e se reafirmar nesse meio.

Bourdieu fala sobre a questão da importância da nomeação, das atribuições de sentido que são feitas por meio de tal ação e das responsabilidades que se tem ao fazer o uso das palavras:

Nomear, como se sabe, é fazer ver, é criar, levar à existência. E as palavras podem causar estragos: islã, islâmico, islamita - o véu é islâmico ou islamita? E se porventura se tratasse simplesmente de um xale, *sem mais*? Acontece-me ter vontade de retomar *cada palavra* dos apresentadores que falam muitas vezes levemente, sem ter a menor ideia da dificuldade e da gravidade do que evocam e das responsabilidades em que incorrem ao evocá-las diante de milhares de telespectadores, sem as compreender e sem compreender que não as compreendem. Porque essas palavras fazem coisas, criam fantasias, medos, fobias ou, simplesmente, representações falsas. (Bourdieu, 1997, p. 26)

No trecho acima vemos o motivo pelo qual é importante estar atento às nomeações que são feitas nos conteúdos jornalísticos e o modo pelo qual são feitas, principalmente quando trata-se de algo “novo”. Afinal, podem criar representações falsas de algo que realmente ocorre, distorcendo seu sentido de maneira que atenda as demandas próprias e tornando mais difícil a busca para a solução do problema.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos aqui quais foram as construções de sentido por trás do tecer da ideia de *fake news* pelas matérias do Estadão ao longo dos anos de 2016, 2017, 2018 e 2019. Foi possível trazer também certos comportamentos do veículo, demonstrando como seus posicionamentos evidenciam sua reação enquanto busca de manutenção de dominância.

Com a argumentação aqui estabelecida, traça-se a hipótese de que, devido à crise jornalística, a instituição realizou uma leitura em cima das ameaças presentes à estrutura do campo em um contexto com as novas mídias digitais e sua potência comunicacional, levando a essa reatividade que contém constante reafirmação de si enquanto solução do problema, veículo de confiabilidade e aproximação da verdade. A reação por eles tomada tem como objetivo sempre manter o seu capital principal - a credibilidade.

Graças a esse comportamento, foi possível perceber alguns padrões no sentido usualmente abordado pelo jornal no recorte visto. Revela-se, então, as disputas presentes no campo e os modos que o veículo encontrou para se legitimar e reforçar sua posição, buscando não perder seu espaço frente ao novo modo comunicacional que surgiu e, dessa maneira, reafirmar seus valores e sua relevância para as fatias de mercado. Vemos, assim, como anda o jornalismo impresso atualmente frente a tantas disputas de força e indicando um caminho de como está a lógica das estruturas invisíveis do campo jornalístico em meio à tais mudanças tecnológicas. Em entrevista com Magris (2018), vemos uma colocação crítica do artista sobre o funcionamento da mídia quando questionado sobre o discurso do então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em relação às *fake news*:

Como em muitos outros casos, neste também Trump usou muito habilmente para os próprios fins e para a sua política enganadora alguns aspectos negativos que realmente existem. Sua agressão à imprensa é intolerável e perigosa, e suas mentiras o são ainda mais. Mas infelizmente é preciso dizer que muitas vezes a imprensa, mesmo quando não tem qualquer ligação com os movimentos populistas de direita cumpre muito mal sua função. Ela diz, não querendo dizer, carece de coragem e de denúncia; frequentemente procura entrincheirar-se em uma posição 'politically correct' que na realidade é uma falsificação. (Magris, 2018)

Tal fala se atrela com a visão de Bourdieu (1997) referente a prática midiática de ocultar mostrando:

Desejaria dirigir-me para coisas ligeiramente menos visíveis mostrando como a televisão pode, paradoxalmente, ocultar mostrando, mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar caso se fizesse o que supostamente se faz, isto é, informar; ou ainda mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrado ou se torna insignificante, ou construindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade. (...) E, insensivelmente, a televisão que se pretende um instrumento de registro torna-se um instrumento de criação de realidade. A televisão se torna o árbitro do acesso à existência social e política. (Bourdieu, 1997, pp. 24-29)

O olhar sistemático e crítico da imprensa se faz necessário para aprimorar seu próprio funcionamento, entendendo qual é esse modo no qual o jornalismo cumpre mal a sua função. Sair da idealização do grande e tradicional jornalismo - que produz apenas notícias apuradas, que conta com erros que são apenas "incorrecções aleatórias" e que sempre se retrata quando se equivoca - para fazer uma leitura do jornalismo real, com suas contradições, parcialidades, problemáticas e, dessa forma, realizar as necessárias autocríticas. Esse objetivo é justificado pelo fato de que ainda enfrentamos os problemas das *fake news*, muitos deles seguem bastante similares aos dos anos aqui analisados - seja pela temática ou pelo modo em que ocorre. Demonstrando que o jornalismo ainda não se fez eficiente em sua proposta como combatente da situação.

Compreender as movimentações do campo e de seus discursos é um dos modos para desconstruir ideias que são introduzidas de modo automático como se estivessem fortemente conceituadas - como a de *fake news*. Vale, portanto, seguir ampliando e aprofundando a investigação aqui iniciada, caminhando para os anos seguintes e também para uma investigação em cima de como outras mídias tradicionais e de relevância nacional reagiram ao cenário aqui explicitado. Assim será feito um rastreamento de como foi construída a ideia de *fake news* na mídia brasileira para melhor entender o que realmente seria esse fenômeno que interfere cada vez mais na vida social, qual sua real origem e como ele vem afetando a lógica do campo jornalístico.

REFERÊNCIAS

AGGIO, C; FREITAS, V; MENDONÇA, R. *Fake News e o Repertório Contemporâneo de Ação Política*. Rio de Janeiro: Dados, vol. 66, 2023.

BERALDO, P.; KRUSE, T.; LARA, M. **Imprensa é alvo de Bolsonaro no Twitter a cada 3 dias**. O Estado de S. Paulo. 12 de março de 2019. Seção: Política. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/politica/imprensa-e-alvo-de-bolsonaro-no-twitter-a-cada-3-dias/>>

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão seguido de a influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997

BUCCI, Eugênio. **'Fake news', eleições e democracia**. O Estado de S. Paulo. 15 de março de 2018. Seção: Espaço Aberto. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/opiniaio/espaco-aberto/fake-news-eleicoes-e-democracia/>>

BUCCI, Eugênio. **Não sabem o que é 'news' e querem caçar 'fake news'**. O estado de S. Paulo. 24 de maio de 2018. Seção: Espaço Aberto. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/opiniaio/espaco-aberto/nao-sabem-o-que-e-news-e-querem-cacar-fake-news/>>

BUCCI, Eugênio. **Mussolini, quem diria, tinha mais educação**. O Estado de S. Paulo. 25 de outubro de 2018. Seção: Espaço Aberto. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/opiniaio/espaco-aberto/mussolini-quem-diria-tinha-mais-educacao/>>

BULLA, Beatriz. **CNN vai à Justiça contra veto de Trump a jornalista na Casa Branca**. O Estado de S. Paulo. 17 de novembro de 2018. Seção: Internacional. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/internacional/cnn-processa-casa-branca-por-cassar-credencial-de-correspondente-que-discutiu-com-trump/>>

BURKE, Peter e BRIGGS, Asa. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DI FRANCO, Carlos Alberto. **Informação versus fake news**. O Estado de S. Paulo. 22 de abril de 2019. Seção: Espaço Aberto. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/opiniaio/espaco-aberto/informacao-versus-fake-news/>>

'ESTADO' completa 143 anos de referência jornalística com aposta em inovação. **O Estado de S. Paulo**. 04 de janeiro de 2018. Seção: Política. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/politica/politica/estado-completa-143-anos-de-referencia-jornalistica-com-aposta-em-inovacao/>>

GOLDEMBERG, José. **Ciência e fake news**. O Estado de S. Paulo. 16 de outubro de 2018. Seção: Espaço Aberto. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/opiniaio/espaco-aberto/ciencia-e-fake-news/>>

GUERRA, S.; MONNERAT, A.; SARTORI, C. **Projetos contra notícias falsas atropelam liberdade de expressão**. O Estado de S. Paulo. 03 de junho de 2018. Seção: Política. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/politica/eleicoes/projetos-contra-noticias-falsas-atropelam-liberdade-de-expressao/>>

GUIMARÃES, Lúcia. **Hillary, a assassina**. O Estado de S. Paulo. 21 de novembro de 2016. Seção: Caderno 2. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/internacional/lucia-guimaraes/hillary-a-assassina/>>

GUIMARÃES, Lúcia. **Falsas notícias: o fracasso da verdade no ano de 2016**. O Estado de S. Paulo. 18 de dezembro de 2016. Seção: Aliás. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/alias/falsas-noticias-o-fracasso-da-verdade-no-ano-de-2016/>>

GUIMARÃES, Lúcia. **Fake news é fake news**. O Estado de S. Paulo. 11 de dezembro de 2017. Seção: Caderno 2. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/internacional/lucia-guimaraes/fake-news-e-fake-news/>>

MAGRIS, Claudio. **Claudio Magris fala do segredo e seus dilemas em ensaio na 'serrote'**. [Entrevista *Impresso* concedida a] Guilherme Sobota. O Estado de S. Paulo. 2018. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/cultura/literatura/claudio-magris-fala-do-segredo-e-seus-dilemas-em-ensaio-na-serrote/>>

MIGUEL, L. F. . **Um olhar engajado sobre a televisão** (*resenha de Sur la télévision, de Pierre Bourdieu*). Revista Brasileira de Ciências Sociais (Impresso) , S. Paulo, v. 13, n.36, p. 182-184, 1998.

MOURA, Rafael. **Gilmar monta força-tarefa anti-fake news**. O Estado de S. Paulo, Brasília. 09 de dezembro de 2017. Seção: Política. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/politica/politica/gilmar-monta-forca-tarefa-anti-fake-news/>>

PRATA, João. **Futebol começa a sentir os efeitos da fake news**. O Estado de S. Paulo. 07 de outubro de 2018. Seção: Esportes. Disponível em: <[SULZBERGER, A. G. **A crescente ameaça ao jornalismo em todo o mundo**. O Estado de S. Paulo. 26 de setembro de 2019. Seção: Economia. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/economia/a-crescente-ameaca-ao-jornalismo-em-todo-o-mundo/>>](https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/futebol-comeca-a-sentir-os-efeitos-das-fake-news/#:~:text=O%20jogador%20da%20Juventus%20respondeu,%2C%20aceitos%2C%20pelo%20seu%20sil%C3%A2ncio.>></p></div><div data-bbox=)